

JF cresce mais que MG e Brasil

Raio-X de JF

Mariana Nicodemus

mariana.nicodemus@jfhoje.com.br

Em oito anos, a população de Juiz de Fora cresceu mais, proporcionalmente, que a de Minas Gerais e a do Brasil. De acordo com estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre 2000 e 2008, a comunidade juizforana aumentou 14%, com o acréscimo de mais 63 mil residentes na cidade, enquanto os números do Estado ficaram em torno dos 11%, e os do País, dos 8%. A segunda reportagem da série "JF em raio-X" apresenta os aspectos sociais e demográficos do Município.

Juiz de Fora é o quarto maior entre os 853 municípios que compõem Minas Gerais, atrás apenas de Belo Horizonte, Contagem e Uberlândia. Com área de 1.436 quilômetros quadrados, ela abriga mais de 520 mil habitantes, o que representa mais de 2,5% do Estado (19,8 milhões de habitantes), de acordo com cálculos estimados.

ESTIMATIVAS

Em 2000, a população juizforana representava pouco mais de 2% do total de habitantes em Minas Gerais. Oito anos depois, ganhou mais 63 mil residentes (14%), enquanto o Estado aumentou sua população em 1,9 milhão (11%).

Segundo a chefe da agência do IBGE em Juiz de Fora, Fernanda Rodrigues Gomes, não é possível identificar os aspectos responsáveis pelo crescimento populacional local, por se tratarem de estimativas. Apenas os resulta-

dos colhidos após o Censo a ser realizado no próximo ano poderão apontar as causas e efeitos desse aumento.

— Só teremos embasamento para respostas depois que os questionários mais complexos do Censo 2010, que avaliam números migratórios, taxa de natalidade e mortalidade, forem analisados — explica.

O 12º Censo Demográfico vai traçar um retrato de corpo inteiro do Brasil, com o perfil da população e as características de seus domicílios. Assim, a pesquisa promete dar uma resposta, também, à quantidade crescente de pessoas entre 15 e 24 anos residentes em Juiz de Fora e à diferença de aproximadamente 20 mil entre o número de mulheres (a maioria) e o de homens.

CASAMENTOS

Além de superar o Estado e o País para trás em termos de crescimento populacional, Juiz de Fora também se destaca por apresentar características sociais peculiares. Pesquisas de apoio ao diagnóstico censitário do IBGE mostram que o número de casamentos civis realizados na cidade é alto se comparado com o restante do Estado. Enquanto as uniões juizforanas correspondem a 0,89% da população, em Minas Gerais a comparação cai para 0,54%, número mais condizente com a relação brasileira, que fica em 0,47%.

O número de divórcios e separações legais na cidade também supera as demais estimativas: representa metade dos casamentos. São cerca de 2.300 uniões realizadas ao ano para uma média de 1.150 separações. No Estado e no País, a quantidade de casamentos é quase quatro vezes superior à de relacionamentos estáveis desfeitos.

Conheça a população de Juiz de Fora:

Área:

1.436,85 Km²

População:

520.612 habitantes



- População cresceu 14% em oito anos, superando proporção do Estado (11%) e do País (8,3%).
- Maioria dos habitantes — 84 mil — tem entre 15 e 24 anos.
- O número de mulheres supera em 20 mil o de homens residentes na cidade.
- Cerca de 2.300 pessoas se casam, por ano, em Juiz de Fora.
- A média de divórcios e separações legais corresponde à metade do número de casamentos: 1.150 por ano.

Túnel do tempo: mãe, mulher e chefe de família

Foi-se o tempo em que casar e ser mãe era o destino certo e a realização da maioria das mulheres. Hoje, 33% das famílias mineiras são chefiadas pelo sexo feminino e em 18% dos domicílios de Minas Gerais vivem mães solteiras com seus filhos, segundo dados do IBGE. A emancipação feminina e a crescente necessidade de participação no orçamento doméstico transformou a realidade do "sexo frágil" e fez com que as curtas 24 horas do dia precisassem ser divididas entre a educação dos filhos e a carreira.

Há 38 anos, quando a primeira filha da terapeuta Leila Gonçalves nasceu, trabalhar fora não fazia parte dos planos dessa carioca que hoje vive em Juiz de Fora. Casada com um consultor internacional de empresas que lhe proporcionava um padrão de vida acima da média, Leila dedicou grande parte de sua vida à educação impecável das três filhas, hoje com 38, 34 e 33 anos. —Transformei minhas filhas em meninas seguras, autoconfiantes e bem sucedidas. Se tivesse trabalhado fora, teria sido impossível dar a elas a educação que dei — afirma Leila.

Hoje, Aline, Bianca e Diana são casadas, têm filhos e boa educação, mas não são mães em regime de dedicação exclusiva conforme a matriarca: são donas

dos próprios negócios. Leila orgulha-se das carreiras construídas pelas filhas e, mesmo considerando-se privilegiada por ter tido condições de dedicar-se à maternidade em tempo integral (ao contrário da maioria das mães de hoje em dia), reconhece que o dinheiro nem sempre é a única recompensa para quem opta por dividir as atenções entre filhos e emprego.

— A vida como dona de lar, embora muito útil, não preenche uma mulher. A sensação de ser útil é inigualável — destaca Leila, que, com as filhas já criadas, tornou-se terapeuta nutricional e professora de Tai Chi Chuan (arte marcial de origem chinesa).

OUTRA GERAÇÃO

Quase quatro décadas depois, não só a realidade socioeconômica brasileira mudou, mas também os ideais femininos de realização. Diferente das motivações de Leila Gonçalves, a paixão pelo trabalho era o que preenchia a professora de educação física Andréa Melo até pouco tempo. Há um ano e cinco meses, quando seu primeiro filho, Arthur, nasceu, Andréa deixou a veia "workaholic" de lado para cuidar do menino. Proprietária de um estúdio de Pilates em Juiz de Fora, ela reduziu o número de aulas, cortou o número de dias

trabalhados e diminui o ritmo de estudos para acompanhar o desenvolvimento do pequeno.

— Ainda estou tentando balancear as coisas, administrar o tempo. Mas a chegada do Arthur serviu para me frear um pouco, me fez perceber que a vida não é só trabalho e atenuou a ansiedade de fazer tudo ao mesmo tempo — comenta.

Acostumada a trabalhar das 7h30min às 21h e ser responsável por 70% das aulas oferecidas em seu estúdio, a professora precisou reorganizar a rotina para das conta da dupla jornada. As aulas foram reduzidas a duas tardes por semana, período durante o qual Arthur fica na creche que frequenta desde os 8 meses de idade. Os outros dias são reservados para a administração do empreendimento, que antes era feita nas horas de folga e hoje dedicada a brincadeiras com o filho. Na parte da manhã, os cuidados com Arthur são divididos com o marido, de acordo com a disponibilidade de cada um. Às vezes, a avó precisa ser requisitada para ajudar.

O tempo pode ser curto, mas não é suficiente para que Andréa cogitasse abrir mão da carreira para se dedicar exclusivamente à maternidade. A decisão de manter os negócios funcionando não foi amparada apenas pela necessidade financeira, mas, também, pela realização pessoal.